

A INFLUÊNCIA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA DE NATIVOS DIGITAIS

FERNANDA CARVALHO DE SOUZA¹

SERENA MARES MALTA²

VALESKA VIRGÍNIA SOARES SOUZA³

RESUMO:

O contexto atual parece estar marcado por interações mais intensas entre as pessoas por meio de tecnologias digitais que possibilitam comunicação e aprendizagem. Preocupadas com a inserção desses novos recursos tecnológicos que nos são impostos nos últimos tempos, buscamos esclarecer como os estudantes percebem as tecnologias digitais como ferramentas que podem lhes auxiliar em sua aprendizagem de inglês. Aplicamos questionários semiestruturados com perguntas relacionadas à aprendizagem de língua inglesa e às ferramentas digitais a 498 estudantes de Ensino Fundamental e de Ensino Médio das redes pública e privada da cidade de Uberlândia (MG). As três perguntas que nortearam nossa investigação foram: Esses estudantes investigados se interessam em aprender a língua inglesa? Como as tecnologias digitais influenciam esse interesse? Como esses estudantes aprendem a língua inglesa dentro e fora da escola considerando-se a utilização de tecnologias digitais? Fundamentamos nosso trabalho no conceito de ‘nativos digitais’ (PRENSKY, 2001a) e em como esses ‘nativos’ tendem a efetivar diferentes *affordances* (GIBSON, 1986) propiciadas pelas tecnologias digitais. Observamos que os estudantes investigados se sentem responsáveis pelo processo de aprendizagem, mas não se sentem motivados para aprender no contexto escolar. Entretanto, demonstram interesse em aprender a língua inglesa para necessidades futuras. Para tanto, acreditam conseguir aprender sem estar no ambiente escolar, utilizando ferramentas digitais como Google, Youtube, Wikipedia, Facebook e Livemocha. Eles percebem *affordances* em espaços digitais que podem colaborar para o processo de aprendizagem por estarem sempre conectados, especialmente para se cadastrarem em *sites* de seu interesse.

¹Bolsista IC/EM/CNPQ, estudante da Escola Estadual Mario Porto, completou iniciação científica no Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e-mail: fernandacsouza1@yahoo.com.br.

²Bolsista IC/EM/CNPQ, estudante da Escola Estadual Mario Porto, completou iniciação científica no Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e-mail: serenamalta2@gmail.com.

³Orientadora, Professora Doutora do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e-mail: valeska@ileel.ufu.br.

Palavras - chave: Processo de aprendizagem; nativos digitais; língua inglesa; tecnologias.

ABSTRACT

The current context seems to be marked by more intense interactions among people via digital technologies, which enable communication and learning. Worried about the integration of these new technological resources that are imposed on us lately, we have searched to clarify how students perceive digital technologies as tools that can help them in the learning of English. We have applied semi-structure questionnaires with questions related to the learning of English and digital tools to 498 students from Middle and High School both in public and private schools in the city of Uberlândia (MG). The three questions that have guided our investigation were: Are these students interested in learning the English language? How do digital technologies influence their interest? How do these students learn the English language inside and outside school considering the use of digital technologies? Our research was founded on the concept of ‘digital natives’ (PRENSKY, 2001a) and on how these ‘digital natives’ tend to realize the different *affordances* (GIBSON, 1986) enabled by digital technologies. We have observed that the students who were investigated feel responsible for the learning process, but they do not usually feel motivated to learn in the scholar context. However, they have demonstrated interest in learning the English language for future needs. In order to do so, they believe they can learn the foreign language without being in a school, by using digital tools such as Google, Youtube, Wikipedia, Facebook and Livemocha. They perceive *affordances* in digital environments that may contribute to the learning process since they are always connected, especially to enroll in sites of their interest.

Keywords: Learning process; Digital natives; English language; Technologies.

INTRODUÇÃO

Atualmente, podemos enxergar com clareza que os tempos mudaram com o surgimento das novas tecnologias digitais. Esse novo tempo parece estar marcado por interações mais intensas entre as pessoas por meio de tecnologias que permitem a aproximação das mesmas com mais rapidez e facilidade. Entendemos, assim, que as tecnologias digitais vieram transformando a vida das pessoas e isso não exclui o processo de

aprendizagem, que está inserido em nosso cotidiano. Com isso, é inegável a preocupação de pesquisadores de diferentes áreas com a inserção desses novos recursos tecnológicos que nos são impostos nos últimos tempos.

Outra situação atual importante que nos interessa é o fato de o inglês ser considerado uma língua mundialmente conhecida e falada. Cerca de 375 milhões de pessoas falam inglês como sua primeira língua. O inglês hoje é provavelmente a terceira maior língua em número de falantes nativos, depois do chinês(mandarim) e do espanhol. No entanto, quando combinamos nativos e não nativos, é provavelmente a língua mais falada no mundo. Estimativas que incluem falantes do inglês como segunda língua variam entre 470 milhões a mais de um bilhão, dependendo de como a proficiência desses falantes é definida e medida. Crystal (2003) calcula que os falantes não-nativos já superam o número de falantes nativos em uma proporção de 3-1.

É interessante pontuar que o inglês é a língua mais utilizada no meio digital, constituindo-se língua global visto que o uso das tecnologias digitais está cada vez mais amplo. O fato de a língua inglesa ter se tornado a língua mais usada para o processo de comunicação entre pessoas do mundo todo através da internet se configura a justificativa central para a condução de nossa pesquisa que tem como tema a aprendizagem de inglês influenciada pelo contexto digital.

Segundo Van Lier (2003), devido à mudança rápida e constante do papel da tecnologia na educação, é necessário que haja uma atenção especial dos pesquisadores dessa área para minimizar as lacunas digitais. Para o autor, um dos grandes problemas é que a maior parte do esforço em educação tecnológica parece estar relacionado ao desenvolvimento de infraestrutura e de *softwares* instrucionais com ênfase maior nos desafios técnicos do que nos pedagógicos. Nosso intuito é colocar as questões pedagógicas em foco.

Nesse contexto, é interessante pesquisar de que forma essas tecnologias digitais podem auxiliar o aluno no que se refere à aprendizagem da língua inglesa, levando em conta a globalização dessa língua e a exigência cada vez maior no Brasil do conhecimento desse idioma. Optamos por saber a opinião de quem vivencia a realidade dentro dos ambientes escolares e conduzimos nossa pesquisa com alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio das redes pública e privada em Uberlândia, Minas Gerais.

Procuramos saber qual a opinião desses estudantes sobre o uso de tecnologias digitais no contexto de aprendizagem de língua inglesa. Nossa pesquisa teve como objetivo responder às seguintes perguntas:

- Os estudantes de Ensino Fundamental e de Ensino Médio investigados se

interessam em aprender a língua inglesa?

- Como as tecnologias digitais influenciam esse interesse?
- Como esses estudantes aprendem a língua inglesa dentro e fora da escola considerando-se a utilização de tecnologias digitais?

Em suma, essas perguntas buscam esclarecer como os estudantes percebem as tecnologias digitais como ferramentas que podem lhes auxiliar em sua aprendizagem de inglês.

Para tanto, organizamos este artigo, além desta introdução, em quatro partes. Primeiramente, discorremos sobre a fundamentação teórica que embasou nossas reflexões. Em segundo lugar, trazemos os procedimentos metodológicos para a condução da pesquisa. Posteriormente, apresentamos as nossas análises, seguidas de algumas considerações finais.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Fundamentamos nosso trabalho com pressupostos de que estamos vivenciando um novo momento tecnológico no qual os estudantes de hoje podem ser considerados ‘nativos digitais’ (PRENSKY, 2001a) e no qual esses estudantes tendem a efetivar diferentes *affordances* (GIBSON, 1986) propiciadas pelas tecnologias digitais.

1.1 Contexto para uma geração de nativos digitais

A utilização do computador em rede surgiu por motivos estratégicos do governo dos Estados Unidos durante a Guerra Fria. Através dessa rede, era possível transmitir uma grande quantidade de dados com rapidez e de forma segura. Em 1969, o exército americano interligou máquinas formando uma rede dando origem à internet. O acesso ao sistema de rede de computadores foi liberado para instituições educacionais de pesquisa e para órgãos do governo⁴. No Brasil, o primeiro computador foi comprado no ano de 1957 pelo governo do estado de São Paulo. A primeira conexão à internet foi efetuada somente em janeiro de 1991.

Não mais restritos a somente pesquisas e órgãos do governo, no final da década de 90, havia mais de um milhão de pessoas com acesso à internet no Brasil. Foi um número suficiente para fazer com que houvesse grande investimento por empresas privadas no uso de tecnologias digitais como meio de comunicação. Pouco tempo depois, o governo, também

⁴*História do computador e da internet*. Disponível em: <<http://www.algosobre.com.br/informatica/historia-do-computador-edainterne>>. Acesso em: 29 Maio 2010.

marcando presença nesse meio, incentivou a utilização de *softwares* livres fomentando a inclusão digital.

O fato de o computador e a internet serem recentes em nosso país não impediu que as tecnologias digitais se tornassem constantes na vida da sociedade nos fazendo acreditar que cada vez mais podemos usá-las a nosso favor. Além disso, essa presença constante e cada vez mais visível das tecnologias digitais no nosso dia-a-dia possibilitou que uma nova geração esteja mais relacionada a essas tecnologias, a geração dos nativos digitais (PRENSKY, 2001a).

O nativo digital, nos termos de Prensky (2001a), é um indivíduo que lida com ferramentas tecnológicas de maneira autônoma. Para o autor, eles podem ser assim considerados pelo fato de serem “falantes nativos” da linguagem digital dos computadores, vídeo games e da Internet. Nasceram na era digital e tiveram seu primeiro contato com as tecnologias bem cedo. Além disso, são capazes de realizar várias tarefas no computador simultaneamente e utilizam o meio digital para realizar atividades diárias, como pesquisas escolares. Como já nasceram em um contexto mais digitalizado, acredita-se que essa nova geração está mais apta a lidar com essas ferramentas tecnológicas (como computador, internet, entre outras) de forma mais rápida e simultânea.

Algumas características recorrentes entre os nativos digitais são o fato de estarem acostumados a receber informações muito rapidamente. Eles gostam do processamento paralelo e da multitarefa. Eles preferem gráficos antes do texto, e não o contrário. Eles trabalham melhor quando conectados em rede. Eles progridem com gratificações instantâneas e recompensas frequentes. Eles preferem jogos ao invés de “trabalho sério” (PRENSKY, 2001a, p. 2).

Em contrapartida, aqueles indivíduos não inseridos no contexto tecnológico digital, que tiveram contato tardio com ferramentas do meio virtual mais tardiamente podem ser considerados “imigrantes digitais”. Para Prensky (2001a), suas características são opostas àquelas apresentadas pelos nativos digitais. Essa distinção não significa que quem é imigrante digital não consiga compreender as novas ferramentas tecnológicas, apenas acredita-se que os nativos digitais possuam uma maior familiaridade para lidar com elas.

A análise a partir de gerações é algo comum na área de ciências administrativas que pode ser muito útil quando a pesquisa é em Linguística Aplicada. Uma geração é compreendida como um grupo de pessoas que comungam as mesmas experiências durante os anos iniciais de sua formação. Como apontado previamente, a geração que nos interessa é que Raines (2003) denomina *Millenials* (nome escolhido pelos próprios membros da geração em

uma votação promovida por Peter Jennings em programa da *ABC News on-line*) a geração que Raines (2003) indica como sendo a dos americanos e canadenses nascidos entre 1980 e 2000. Esta geração também é comumente conhecida como Geração Internet, Geração Y, Geração Nintendo ou Geração Digital. Não nos preocupamos em apontar o período de nascimentos dos brasileiros que poderiam ser considerados nativos digitais: o que nos interessa é que a tecnologia, mais do que qualquer outro fator, é o que une essa geração globalmente.

Tomando como pressuposto que os participantes de nossa pesquisa podem ser considerados como nativos digitais e que eles são estudantes inseridos nessa geração digital, faz-se necessário apresentar embasamento teórico sobre a noção de *affordances* que norteia a compreensão de como o ambiente pode ser percebido, o que fazemos na próxima seção.

1.2 *Affordances*(propiciamentos)

O termo *affordance* cunhado por Gibson (1986) foi pensado a partir do verbo *afford* da Língua Inglesa que significa proporcionar, oferecer ou propiciar. Através desse conceito, Gibson (1986) pretende apontar para a relação entre os animais e o ambiente antes não definido por nenhum termo. Ele exemplifica essa ligação a partir do formato das superfícies terrestres, nas quais dependendo do seu tipo, o homem as utiliza como tipo diferente de *affordances*: uma trilha na floresta te propicia caminhar e uma superfície com água te propicia nadar. O autor define o termo da seguinte forma: as *affordances* do ambiente são aquilo que ele oferece ao animal, o que provê ou proporciona, mesmo sendo bom ou ruim.

Para melhor compreendermos o conceito de *affordance* utilizaremos o seguinte exemplo: considere uma pessoa em sua sala de trabalho dispondo-se apenas de uma mesa e uma cadeira, suponha que a lâmpada do ambiente se queime e essa pessoa precise substituir por uma nova lâmpada, mas não consegue alcançar o teto para efetuar a troca. Relembrando os dispositivos que essa pessoa possui em sua sala de trabalho teremos apenas uma mesa e uma cadeira, mas se essa pessoa reconhece a mesa e a cadeira como objetos que poderão lhe auxiliar na troca da lâmpada queimada, então estará reconhecendo os *affordances* que o ambiente dispõe.

Paiva (2010) defende que usamos a língua para pensar, perceber e interpretar as ações sociolinguísticas que nos cercam e para agir em nossos nichos; portanto, no caso do processo de aprendizagem de língua estrangeira, “como” o aprendiz se relaciona com a língua alvo, “como” ele a percebe tem um grande impacto nesse processo de aprendizagem. A autora aponta para a importância do conceito de *affordances* utilizado pela perspectiva ecológica que

pode ser de grande valia para a Linguística Aplicada. Miller (2009) também indica que esse conceito é útil para se pensar sobre as potencialidades e as restrições específicas de um meio de comunicação, como por exemplo, artefatos tecnológicos.

Van Lier (2004) oferece três vantagens para que o conceito de *affordances* seja utilizado na área de Linguística Aplicada; especificamente, ao se observar o processo de aprendizagem de línguas. Primeiramente, porque essa visão pressupõe que um aprendiz ativo estabelece relacionamento com e dentro do ambiente. Em segundo lugar, essa perspectiva acomoda a rica complexidade dos fatores ambientais, compreendendo o aprendiz fisicamente, socialmente e mentalmente. Finalmente, ela presume que propriedades do ambiente podem influenciar o aprendiz, enquanto ele percebe e age no ambiente.

No contexto de aprendizagem de língua inglesa na escola regular, com a inserção das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), Paiva (2010) defende que os aprendizes buscam propiciamentos além dos muros da escola. Faz-se necessário explicar que propiciamento é a tradução de *affordance* feita por Paiva (2010). Os alunos utilizam as TDIC de forma regular em seus cotidianos com diversas finalidades, entre elas, a aprendizagem e aperfeiçoamento da língua inglesa.

Esses propiciamentos manifestam-se nas interações escritas e orais com outros indivíduos dentro ou fora de seus nichos e nas experiências com produções culturais (livros, revistas, músicas, filmes, jogos, etc.). Eles percebem a língua como algo que propicia uso, agência, e não manipulação meramente estrutural. (PAIVA, 2010).

Em relação ao contexto on-line, Warschauer (2011), após estudos longitudinais observando aulas e entrevistando professores e alunos de escolas com implementação tecnológica digital de sucesso e de fracasso, defende que o ambiente digital deve ser considerado parte integrante para se transformar as escolas positivamente nesse novo contexto tecnológico. Assim, não devemos dissociar o ambiente digital e como ele é percebido pelos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem em investigações que buscam elucidar o desenvolvimento linguístico dos estudantes na atualidade.

Na próxima seção, passamos para explicações mais detalhadas acerca dos procedimentos metodológicos utilizados na condução desta pesquisa.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, mesmo que apresente dados quantitativos a partir dos quais também fazemos algumas reflexões. O foco da pesquisa não está em dados

numéricos ou estatísticos, mas sim na interpretação das respostas contidas nos questionários semiestruturados respondidos pelos participantes.

Foi realizada em escolas da rede pública e privada, sendo aplicada a alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. Foi especificada a participação de alunos que cursassem do 6º ano em diante, devido ao fato de que a partir dessa série escolar esses alunos passam a ter o estudo de língua inglesa como componente curricular. Selecionamos aquelas escolas às quais tínhamos mais facilidade de acesso e o consentimento dos responsáveis pela instituição para desenvolvermos o nosso projeto.

De acordo com exigência do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), solicitamos a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a todos os responsáveis legais dos alunos para que autorizassem a participação do aluno, visto que muitos eram menores de idade.

O instrumento de pesquisa utilizado foram questionários desenvolvidos pelo grupo de pesquisadores intitulado GELED (Grupo de Estudos em Linguagem e Educação Digital), de qual participamos, e posteriormente adaptados para esta pesquisa, por tanto nem todas as questões foram abordadas ou levadas em consideração nesta pesquisa. Os questionários foram entregues aos alunos junto com o termo de consentimento para facilitar a organização.

Para a coleta dos dados, utilizamos questionários que foram previamente desenvolvidos pelo nosso grupo de pesquisa - GELED, sendo constituído tanto de questões fechadas quanto abertas (ANEXO I). Foram distribuídos 1200 questionários; no entanto, apenas 498 alunos responderam ao questionário e entregaram juntamente com os termos de consentimento.

A participação dos alunos foi menor do que o esperado, pois o consentimento dos pais para a participação na pesquisa foi de certa forma um obstáculo que impediu um maior número de questionários recolhidos. Mesmo após esclarecermos que responder ao questionário era um ato voluntário, orientar que todas as questões eram importantes e ressaltarmos a relevância das duas questões finais para nossa pesquisa e sobre a necessidade da clareza, objetividade e sinceridade, principalmente nesta última parte, muitos questionários retornaram sem respostas ou incompletos. Dos 498 questionários recolhidos, alguns estavam incompletos, atendendo apenas parcialmente às necessidades de nossa pesquisa.

No que se refere à quantidade de alunos é importante citar alguns detalhes do perfil dos respondentes: dentre esses 498 alunos que participaram da pesquisa, 195 (cento e noventa e cinco) foram do sexo masculino e 303 (trezentos e três) foram do sexo feminino. Dos 440 (quatrocentos e quarenta) alunos que afirmaram ter acesso a internet, 422 (quatrocentos e

vinte e dois) respondentes possuíam computador em casa. De acordo com alguns relatos dos alunos, alguns acessavam a internet na casa de amigos ou familiares e também em *lanhouses*.

A pesquisa foi realizada com alunos de 11 a 20 (onze a vinte) anos. Apresentamos um gráfico com a quantidade de alunos por série.

Gráfico Referente a quantidade de alunos por série

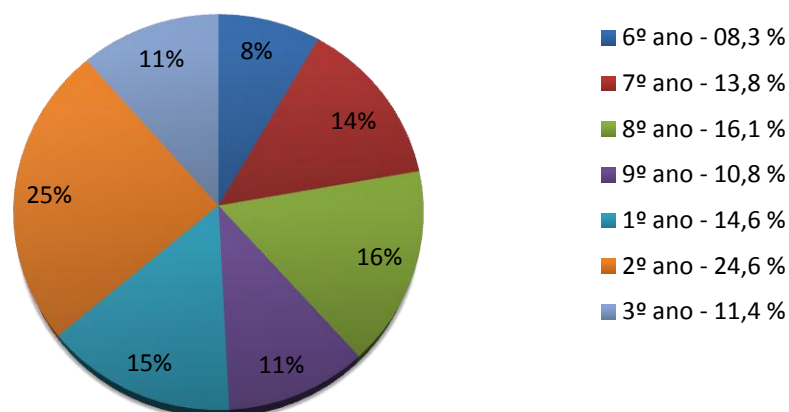


FIGURA 1: Quantidade de alunos por série.

Como procedimento de análise, nos concentramos em algumas perguntas fechadas e outras abertas do questionário aplicado, que nos ajudaram a responder as perguntas norteadoras. Procuramos por padrões que se repetiram para tecer nossas considerações. Na seção seguinte, apresentamos discussões no que se refere à análise dos dados coletados nesta pesquisa.

3. ANÁLISES

Prensky (2006) reclama contra o fato de os estudantes ainda não terem voz na nossa sociedade contemporânea, de eles ainda terem obstáculos para socializarem suas histórias e suas opiniões. Refletindo sobre a reclamação do autor, pareceu-nos que a solução seria escutar estes estudantes, escutar esta nova geração. Assim, ao longo das análises, procuramos trazer as vozes dos nativos digitais investigados. Apresentamos as perguntas do questionário semiestruturado que colaboraram para que atingíssemos nossos objetivos de pesquisa.

Primeiramente, buscamos investigar a relação dos estudantes com a língua inglesa.

PRIMEIRA PERGUNTA: Você acredita que é responsável pelo seu processo de aprendizagem de um novo idioma?

😊	😞	😐
71,1%	4,1%	22,2%

Observamos que 346 (trezentos e quarenta e seis) dos alunos deram respostas afirmativas a essa questão o que corresponde a 71,1% (setenta e um vírgula um por cento) do total das respostas, enquanto que 20 (vinte) alunos responderam de forma negativa correspondendo a 4,1% (quatro vírgula um por cento), e 110 (cento e dez) alunos marcaram a opção parcialmente correspondendo a 22,2% (vinte e dois vírgula dois por cento). Esses dados vêm nos informar que a maioria dos alunos acredita ser responsável pelo seu processo de aprendizagem e acreditamos que isso motiva o aluno a buscar mais informações já que possui a consciência de que um novo idioma, como a língua inglesa, representa um papel importante em sua aprendizagem.

Segundo Van Lier (2004), faz-se necessário refletir que um aprendiz ativo estabelece relacionamento com e dentro do ambiente de aprendizagem. Inicialmente, o fato de esses estudantes se sentirem, em sua maioria, responsáveis por seu processo de aprender indica que há um estabelecimento de relação entre o ‘ser’ estudante e o ‘ser’ responsável pelo que se faz no ambiente escolar. Entretanto, acreditamos que isso não garanta que o sentir-se responsável será o bastante para que o aluno seja um aprendiz ativo especificamente nas aulas de língua estrangeira.

Dentre as *affordances* (GIBSON, 1986) possibilitadas pelo processo de aprendizagem de inglês, os estudantes parecem perceber que responsabilizar-se por esse processo é uma atitude necessária. Essa percepção pode estar relacionada à conscientização de que a língua inglesa passou a ser considerada uma língua de alcance global (CRYSTAL, 2003).

Continuamos nossas reflexões em relação a como os alunos percebem o inglês com a seguinte pergunta:

SEGUNDA PERGUNTA: Você se sente motivado ou desmotivado para aprender a língua inglesa? Por quê?

Excertos # 1:

- Desmotivado, porque na escola nossas aulas não são interessantes.
- Desmotivada, pois o inglês que a escola oferece não tem base nenhuma para você utilizá-lo no dia-a-dia.
- Desmotivada, pois o melhor lugar de aprender é na escola, mas não tem.

Como pôde ser notado, várias pessoas responderam que se sentiam desmotivadas a aprender a língua inglesa, o que contradiz um pouco suas respostas quando afirmaram buscar aprender ou traduzir inglês para se inserirem no contexto social. Os dados nos mostram que é importante refletir se esse desinteresse de aprender inglês na escola está relacionado ao fato de o contexto escolar propiciar apenas uma manipulação meramente estrutural da língua, como sugere Paiva (2010).

Entretanto, a maioria dos estudantes apontou que se sentiam motivados para aprender inglês. Uma grande parcela das respostas das pessoas que afirmaram se sentir motivadas mostraram que buscam outro ambiente de aprendizagem além da sala de aula. Parece-nos, assim, que essa posição confirma um possível desinteresse de estudar a língua inglesa no contexto escolar, mas bastante interesse de aprender essa língua para o futuro. Isso nos leva a refletir sobre a pertinência da defesa de Van Lier (2004) de que o enfoque de ações para inserção tecnológica seja nos desafios pedagógicos e, não especificamente nos técnicos. Esses estudantes já estão inseridos no contexto digital, falta agora levar isso para a sala de aula.

Excertos # 2:

- Motivado, porque sei que futuramente posso receber várias propostas de trabalho, que podem conter o inglês.
- Me sinto motivado porque acho interessante é e um forte no currículo.

Observamos que o motivo do interesse dessa maioria se deve ao fato de sentirem a necessidade de se profissionalizar para o futuro, garantir um bom currículo com o conhecimento de uma língua estrangeira. Outro tipo de interesse é por saber que a língua inglesa é global e seu conhecimento tender a garantir comunicação em qualquer canto do mundo.

Retomando a reflexão de Van Lier (2004) sobre o aprendiz ativo que estabelece relação com o ambiente, é possível perceber que ao passo que o ambiente escolar não propicia o engajamento na aprendizagem de língua inglesa, aqueles que realmente se sentem responsáveis e interessados buscam essa relação propiciadora de aprender fora do contexto escolar.

Em segundo lugar, procuramos refletir sobre os dados que indicam a relação dos estudantes com a língua inglesa fora do ambiente escolar:

TERCEIRA PERGUNTA: Você acha que consegue aprender a língua inglesa sem estar no ambiente escolar?

😊	😞	😐
72,6%	4,2%	23,3%

Das respostas obtidas analisamos que 72,6% (setenta e dois vírgula seis por cento) afirmaram que sim, que conseguem aprender língua inglesa sem estar no ambiente escolar, porém alguns não especificaram de que forma eles buscam esse conhecimento. Enquanto isso, 4,2% (quatro vírgula dois por cento) dos participantes afirmaram que não conseguem e, segundo seus relatos, podemos perceber que alguns possuem dificuldades de aprendizagem e necessitam do auxílio constante do professor; outros não possuem interesse de buscar conhecimento fora da sala de aula. Finalmente, 23,3% (vinte e três vírgula três por cento) disseram que conseguem aprender o inglês fora do ambiente escolar parcialmente. Para refletirmos sobre esse último grupo de respondentes, buscamos subsídios em outra pergunta.

QUARTA PERGUNTA: Como você busca o conhecimento fora da sala de aula?

Esses alunos que responderam como negativamente foram os que mais nos chamaram a atenção pelo seguinte motivo: nossa pergunta de questionário estava dividida em duas partes, sendo a primeira parte “Você acha que consegue aprender a língua inglesa sem estar no ambiente escolar?” e a segunda parte “Como você busca o conhecimento fora da sala de aula?”. Eles responderam “não” à primeira parte da pergunta e responderam de forma positiva a segunda parte da pergunta como nos exemplos:

Excertos # 3:

- Não. Busco o conhecimento com os livros.
- Não. Procuo na internet.
- Não. Busco na internet, livros, revistas, entre outros.

Ao responderem a segunda parte da questão, parece-nos que os alunos interpretaram a palavra “conhecimento” como sendo relacionada a conhecimentos gerais e não a conhecimentos na língua inglesa. Isso é relevante, pois nos mostra que independente do objetivo do que estão buscando, eles demonstram estar sempre conectados à internet, característica marcante dos nativos digitais, nos termos de Prensky (2001b).

Entretanto, o lado negativo é que esses estudantes demonstram se sentirem responsáveis pelo processo de aprendizagem, já que buscam em outros contextos possibilidades de aprender, mas não o fazem com a língua estrangeira. Sabemos que muito do conteúdo da internet está em inglês, e caso esses alunos fossem mais autônomos, poderiam buscar formas de resolver suas dificuldades em aprender a língua estrangeira no meio digital.

Uma terceira parte da questão nos trouxe outras informações pertinentes.

QUINTA PERGUNTA: Quais os recursos e/ou ferramentas você utiliza para tal?

Excertos # 4:

- Google, yahoo e o youtube.
- O livemocha, entre outros
- Google tradutor, wikipedia, facebook.

Na maioria das respostas, os alunos afirmaram usar a internet, e os aplicativos mais citados foram Google, Wikipédia, Youtube, Google tradutor, dicionário e dicionário on-line. Com essas respostas podemos ver que quase todas as ferramentas utilizadas, com exceção do dicionário, estão na internet. Observamos, assim, que os estudantes buscam aprender fora da sala de aula independente de ser ou não no ambiente virtual.

O Google Tradutor demonstrou ser uma ferramenta para aprendizagem recorrentemente utilizada. Por um lado, pode ser visto só como um tradutor de palavras, frases e textos, mas sendo usado de maneira contextualizada para o processo aprendizagem, torna-se uma ferramenta de grande importância que favorece a aprendizagem do estudante no ambiente virtual. Tudo depende da forma como os estudantes efetivam as *affordances* propiciadas por esse espaço digital. Para alguns alunos, pode ser apenas uma forma de

“enganar” o professor e apresentar uma produção traduzida como se fosse algo escrito pelo próprio aluno. Para outros, pode ser uma forma de aprender o significado de novas palavras e aprender novas construções morfológicas e sintáticas da língua estrangeira.

Outra observação interessante foi que somente um aluno citou um curso on-line chamado LiveMocha, onde se aprende gratuitamente a língua inglesa. Este curso também oferece opção de pagamento para maior aprofundamento na aprendizagem de inglês. O LiveMocha proporciona a interação das pessoas de lugares, países diferentes trocando conhecimento sobre línguas estrangeiras. Seria interessante que mais estudantes conhecessem essas possibilidades do meio digital, ou mesmo, que mais estudantes se aproveitassem e se apropriassem das *affordances* que alguns *sites* propiciam.

SEXTA PERGUNTA: Os recursos tecnológicos (jogos on-line, MSN, Facebook...) que você usa no dia a dia influenciam sua aprendizagem de língua inglesa? Caso afirmativo, de que maneira?

Excertos # 5:

- Algumas coisas sim nos levam a aprender mais como as letras de músicas inglesas, eu sei de muitas.
- Sim, quando aparecem palavras desconhecidas, eu busco no tradutor do google.
- Sim, porque muitas vezes tem coisas em inglês que você não sabe o significado e vai procurar no google tradutor.

O que mais foi relatado nas respostas dos participantes foi que os recursos tecnológicos os auxiliam a entender palavras desconhecidas, o que pode indicar que esses recursos não são necessariamente utilizados para aprender o inglês, mas entender o que nos é imposto para não ficar deslocado dentro de uma sociedade na qual o inglês é uma língua global. Por outro lado, podemos supor que a busca por palavras no Google tradutor indicam uma relação com a sala de aula, pois os alunos podem estar buscando essas palavras para completar tarefas solicitadas pelo professor de inglês.

Outras respostas indicaram que o uso da tecnologia incentiva e facilita a aprendizagem do inglês. Essas respostas geralmente estavam relacionadas a entretenimento, como músicas e filmes. Parece-nos que, em alguns casos relatados, os alunos buscam a aprender inglês devido ao fato de que a música que eles gostam de escutar serem em inglês.

Apenas algumas respostas pontuaram que os recursos tecnológicos influenciam

como forma de comunicação, que proporciona pessoas de lugares diferentes com línguas diferentes se relacionarem, e dessa forma, trocaram conhecimentos e aprenderem.

SÉTIMA PERGUNTA: Você já utilizou algum desses aplicativos na sala de aula? Caso afirmativo, em quais disciplinas (inglês, português, matemática, etc.)? Poderia nos contar que tipo de atividade o (a) professor (a) desenvolveu com a turma?

Em geral, os relatos foram de que aplicativos do meio digital não são comumente utilizados em sala de aula. Como poderá ser lido no bloco de excertos a seguir, ainda há um preconceito das escolas contra a utilização de aparelhos eletrônicos, o que nos leva a refletir que muitos ainda não veem as possibilidades pedagógicas desses aparelhos. Ainda, fica evidente que programas como ProInfo⁵ e ProUCA⁶, dentre outros, não têm garantido que todos os alunos tenham acesso a computadores em suas escolas.

Excertos # 6:

- Não, geralmente aparelhos eletrônicos são proibidos na escola.
- Nunca usei porque não temos acesso ao computador.
- Não, pois a sala de informática ainda não é aberta para nós.

Poucos estudantes responderam utilizar ferramentas tecnológicas digitais em sala de aula e quando o fizeram, como leremos no bloco de excertos # 7, isso aconteceu no nível da pesquisa. As disciplinas em que os alunos apontam que utilizaram tecnologias digitais variaram entre português, matemática, geografia, história, física e inglês, não havendo uma disciplina que se destacasse. Isso nos mostra que apenas pelo fato de o inglês ser a língua da internet, a disciplina de língua inglesa não explora os recursos tecnológicos mais que outras disciplinas.

Excertos # 7:

- Sim, google, para pesquisar sobre o trabalho de geografia. Eu desenvolvi com a turma sim.
- Sim. O google na aula de português, matemática, desenvolveu a atividade de

⁵Programa Nacional de Tecnologia Educacional: <<http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=462>>.

⁶Programa Um Computador por Aluno: <<http://www.uca.gov.br/institucional/>>.

pesquisa.

- Sim (inglês, português, matemática, etc.). Pesquisar e exemplificar a maneira de como fazer a atividade que o professor exigiu ou aplicou.

Em relação a essa questão, observamos um fato interessante, a maior parte dos alunos que responderam de forma positiva estuda em escolas da rede privada enquanto a maioria dos alunos que responderam de forma negativa é de escolas públicas. Pareceu-nos que os alunos de escolas da rede privada possuem uma maior inserção da tecnologia em seu ambiente de aprendizado e isso nos é confirmado por seus relatos ao responderem a questão sobre o uso de aplicativos na sala de aula

Excerto # 8:

RESPOSTA DE ALUNO DA REDE PRIVADA:

- Sim, algumas vezes o professor de espanhol ou de inglês, passam filmes em inglês ou espanhol, para a gente escutar a língua, e muitas vezes esses filmes nós vemos no youtube.

Já os alunos da escola pública relataram recorrentemente que o uso de aplicativos na sala de aula é feito sem a permissão dos professores.

Excertos # 9:

RESPOSTAS DE ALUNOS DA REDE PÚBLICA:

-O professor não faz essas atividades na sala, por ser proibido o uso de celular na sala de aula.

- Sim, facebook, msn, youtube, google e sms. Mais não foi com o pedido do professor, mas sim escondido porque o professor nunca pediu

- Sim, facebook, msn, youtube, google e sms. Mas não foi com pedido do professor, mas sim escondido, porque os professores nunca nos deram aulas com o uso dos aplicativos.

Percebemos, assim, que o uso de tecnologias na sala de aula depende da situação da escola, e uma das diferenças parece estar relacionada à rede pública ou privada de ensino.

OITAVA PERGUNTA: Você utiliza os conhecimentos adquiridos na escola para se comunicar via Internet?

☺	☹	☺
37,4%	26%	36,5%

Nessa questão, observamos que 37,4% dos alunos afirmaram que sim, 26% afirmaram que não e 36,5% afirmaram que parcialmente. Acreditamos que o comportamento dos alunos em relação a essa questão pode estar diretamente ligado ao fato de terem um acesso frequente a internet que geralmente tem como consequência a necessidade de utilizar-se dos conhecimentos da língua inglesa para a realização de alguma atividade específica, até mesmo para se cadastrar em alguns jogos e ambientes on-line e também com o hábito de fazer novas amizades virtuais.

Esses foram alguns dos dados obtidos e analisados para que pudéssemos, a seguir, tecer nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa teve como motivador inicial a análise do comportamento dos alunos no que diz respeito à aprendizagem de língua inglesa, levando em consideração o fato de estarem inseridos em um contexto tecnológico digital. Respondemos, nesta seção, as perguntas norteadoras de nossa investigação.

Os estudantes de Ensino Fundamental e de Ensino Médio investigados se interessam em aprender a língua inglesa?

Em geral, os estudantes estão aptos a aprender o inglês como sua segunda língua, mas a pesquisa nos implica a observar que a aquisição de uma segunda língua está relacionada com o fato de o inglês ter se tornado uma língua global, sendo assim, saber falar inglês se tornou um fato comum entre os aprendizes da língua, principalmente em se tratando de uma geração digital na qual o inglês é o idioma mais presente nos ambientes virtuais que frequentam.

Como as tecnologias digitais influenciam esse interesse?

Como observado em nossas análises, os aprendizes dessa nova geração possuem uma maior afinidade com as tecnologias digitais e estão familiarizados com o ambiente virtual,

contudo observamos também que o idioma predominante visto pelos mesmos é a língua inglesa. Pontuando nisso, as tecnologias digitais são as maiores influenciadoras quanto ao interesse dos alunos a aprenderem a língua inglesa, pois em seus relatos afirmaram que o ambiente escolar não os influencia, naturalmente, a querer aprender uma nova língua.

Como esses estudantes aprendem a língua inglesa dentro e fora da escola considerando-se a utilização de tecnologias digitais?

Os relatos dos estudantes nos dizem que as tecnologias digitais estão presentes no ambiente escolar na maioria das vezes de forma ilegal, pois não há propostas didáticas que incluam essas tecnologias digitais. Os alunos afirmaram que a inclusão dessas tecnologias digitais na sala de aula estimula o aluno no que se refere ao processo de aprendizagem. Porém, há ainda aqueles alunos que nos afirmaram só serem capazes de aprender com a presença do professor. Isso reforça a teoria de Little (1991) ao enfatizar que o aprendiz não é total responsável por todo o processo, assim, a figura do professor não é dispensável. Contudo, os professores precisam atentar às possibilidades dos recursos tecnológicos, adequando-se à realidade da geração atual a qual ensinam, assim, tornando o processo de aprendizagem proveitoso e eficaz. Observamos, também, que ainda há muitos alunos das escolas de rede privada que não são estimulados pelos professores utilizarem ferramentas digitais, mesmo que a realidade de inserção de tecnologias na escola privada seja maior do que na pública.

Com os resultados obtidos por essa pesquisa, acreditamos que se torna cada vez mais necessária a reflexão sobre o sistema educacional atual, bem como sobre seu corpo docente. Percebemos que os alunos da nova geração, em sua maioria, reconhecem as ferramentas possibilitadas pela internet como uma forma de aprendizagem, e utilizam os recursos com os quais possuem maior familiaridade, com isso, concluímos que o processo de aprendizagem do aluno pode torná-lo interessado e autônomo de acordo com suas necessidades. Observamos que esses alunos não seguem necessariamente um conteúdo imposto, ou seja, a aprendizagem do aprendiz fora do ambiente escolar está relacionada de acordo com suas demandas pessoais, seja ela para o futuro, para inserção no meio virtual, para comunicação, porque gosta ou qualquer outra necessidade de utilização do inglês.

Acreditamos que a nossa pesquisa possa contribuir para a agenda de investigações na área de Linguística Aplicada de como os estudantes de Ensino Fundamental II e Ensino Médio percebem a aprendizagem de inglês no contexto da geração digital. Uma das maiores limitações vivenciadas é que há a necessidade de distribuição de muitos instrumentos de pesquisa para um retorno baixo, já que é obrigatório que os pais dos alunos menores de idade

consintam que eles participem da pesquisa. Como encaminhamentos, é importante que esse mapeamento inicial seja ampliado e outras questões abordadas nos questionários aplicados sejam analisadas.

Refletindo acerca da citação de Nicholas Negroponte, fundador da associação One Laptop per Child⁷, “Isso é apenas o começo, o começo da compreensão de que o ciberespaço não tem limites, não tem fronteiras”⁸, esperamos que pesquisas para compreender as percepções dos nativos digitais sobre o processo de aprendizagem, não apenas de língua inglesa, mas de outras disciplinas, estejam apenas no começo.

REFERÊNCIAS

CRYSTAL, D. **English as a global language**. New York: Cambridge University Press, 2003.

GIBSON, J. J. *The ecological approach to visual perception*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1986.

LITTLE, D. **Learner autonomy: definitions, issues and problems**. Dublin: Authentic, 1991.

MILLER, C. R. **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Org.). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009. 232 p.

PAIVA, V. L. M. O. Propiciamento (affordance) e autonomia na aprendizagem de língua inglesa In: LIMA, Diógenes Cândido. **Aprendizagem de língua inglesa: histórias refletidas**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2010.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. **On the Horizon**, v. 9, n. 5, 2001a.

_____. **Digital game-based learning**. New York: McGraw Hill, 2001b.

_____. **Don't bother me mom - I'm learning**. St. Paul, Minnesota: Paragon House, 2006. 254 p.

RAINES, C. **Connecting generations: the sourcebook for a new workplace**. Berkeley (CA): Axzo, 2003. 189 p.

VAN LIER, L. **The ecology and semiotics of language learning: a sociocultural perspective**. Norwell: Kluwer Academic, 2004. 248 p.

⁷Um laptop por aluno.

⁸Nossa tradução de: “This is just the beginning, the beginning of understanding that cyberspace has no limits, no boundaries”.

_____. A tale of two computer classrooms: the ecology of project-based language learning. In: LEATHER, Jonathan; VAN DAM, Jet. **Ecology of language acquisition**. Dordrecht; Boston; London: Kluwer Academic, 2003. p. 49-63.

WARSCHAUER, M. **Learning in the cloud**: how (and why) to transform schools with digital media. New York/London: Teachers' College Press, 2011. 131 p.

ANEXO I

QUESTIONÁRIO

DADOS GERAIS	CÓDIGO: _____
Sexo: () masculino () feminino Idade: _____ anos Série: _____ () Fundamental () Médio	
Escola: _____ () pública () privada	
Estudo língua estrangeira: () sim () não Qual/quais? _____ () nesta escola () instituto de idiomas	
Você tem computador em casa? () sim () não Tem acesso a internet? () sim () não	
Caso negativo, como você acessa a internet? _____	

PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

Com relação ao processo de aprendizagem de línguas: (SIM: ☺ NÃO: ☹ PARCIALMENTE: ☻)

- 1) Estou sempre aberto para adquirir novos conhecimentos nas línguas que estudo. ()☺ ()☹ ()☻
- 2) Acredito que sou responsável pelo meu processo de aprendizagem de um novo idioma. ()☺ ()☹ ()☻
- 3) Quando meu professor de língua (materna ou estrangeira) utiliza palavras, expressões ou dinâmicas que desconheço, busco entendê-las em outros contextos. ()☺ ()☹ ()☻
- 4) Nas minhas aulas de língua, quando desagradado de uma atividade proposta, sinto vontade de não participar. ()☺ ()☹ ()☻
- 5) Eu me sinto confortável para expressar minhas opiniões no ambiente escolar. ()☺ ()☹ ()☻

Os recursos tecnológicos (jogos on-line, MSN, Facebook...) que você usa no dia a dia influenciam sua aprendizagem de língua estrangeira? Caso afirmativo, de que maneira? _____

Você acha que consegue aprender uma língua estrangeira como inglês sem estar no ambiente escolar? Como você busca o conhecimento fora da sala de aula? _____

Quais os recursos e/ou ferramentas você utiliza para tal? _____

Você se sente motivado ou desmotivado para aprender língua inglesa? Por que? _____

USO DE TECNOLOGIA

Com relação ao uso de tecnologia (vídeo games, computador, Internet), marque **SIM:** ☺ **NÃO:** ☹ **PARCIALMENTE:** ☻

- 1) Sinto-me confortável ao fazer várias atividades simultaneamente no computador, como usar redes sociais, pesquisar no Google e escutar música ao mesmo tempo. ()☺ ()☹ ()☻
- 2) Prefiro jogar em grupos a jogar individualmente. ()☺ ()☹ ()☻
- 3) Quando tenho que instalar programas no computador, o primeiro passo é tentar encontrar um download na Internet. ()☺ ()☹ ()☻
- 4) Utilizo Internetês (pq, ;), kkk) quando me comunico via Internet. ()☺ ()☹ ()☻

- 5) Prefiro utilizar a Internet para fazer minhas pesquisas. Geralmente não recorro aos materiais impressos. ()☹ ()☺ ()☹
- 6) Minha agenda de e-mails e números de telefone é eletrônica. ()☹ ()☺ ()☹
- 7) Prefiro ler textos na tela a imprimi-los para eu ler. ()☹ ()☺ ()☹
- 8) Se um assunto me interessa muito, prefiro me informar sobre ele no meio digital. ()☹ ()☺ ()☹
- 9) Tenho o hábito de fazer amigos on-line. ()☹ ()☺ ()☹
- 10) Jogo games on-line. ()☹ ()☺ ()☹Quais? _____
- 11) Utilizo os conhecimentos adquiridos na escola (ex. Inglês) para me comunicar via Internet.()☹ ()☺ ()☹

APLICATIVOS POSSIBILITADOS PELO COMPUTADOR E PELA INTERNET

Em relação ao aplicativo ou similar, escolha: ☹Nunca usei ☺Uso algumas vezes ☺Uso frequentemente

	☺ ☹ ☹		☺ ☹ ☹		☺ ☹ ☹		☺ ☹ ☹
	☺ ☹ ☹		☺ ☹ ☹		☺ ☹ ☹		☺ ☹ ☹
	☺ ☹ ☹		☺ ☹ ☹		☺ ☹ ☹		☺ ☹ ☹
	☺ ☹ ☹		☺ ☹ ☹		☺ ☹ ☹		☺ ☹ ☹

Você utiliza esses aplicativos como recursos para a aprendizagem de língua estrangeira? Se sim quais?

Escolha 2 desses aplicativos e conte para nós alguma experiência positiva ou negativa que teve ao usar esses aplicativos. Dentre as experiências, tente lembrar se alguma delas envolveu o uso de outra língua que não seja o português. Faça um relato e conte para nós sobre essas experiências.

Você já utilizou algum desses aplicativos na sala de aula? Caso afirmativo, em quais disciplinas (inglês, português, matemática, etc.)? Poderia nos contar que tipo de atividade o(a) professor(a) desenvolveu com a turma?

Você acredita que o uso desses recursos pode tornar a aula mais atraente? Por que?
